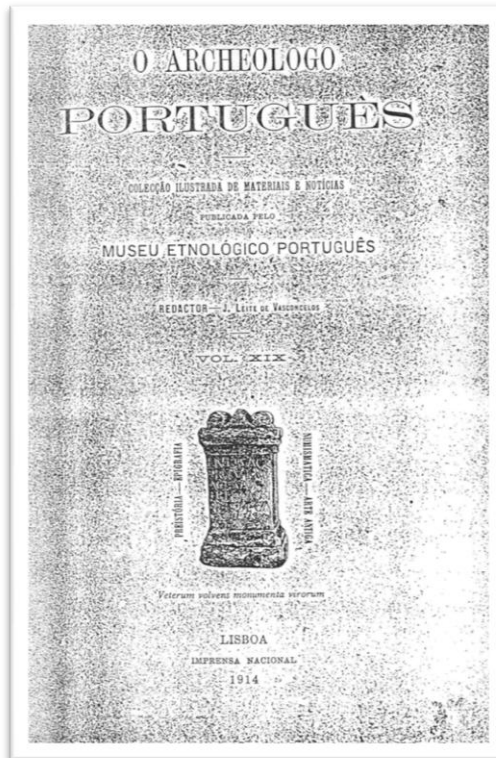


A lenda do Outeiro do Ouro

O Monte Cabeço do Ouro, propriedade de agroturismo rural, encontra-se ligado a uma curiosa lenda, relatada pelo etnólogo Leite de Vasconcelos em 1914 no boletim “Archeologo Português”:



Anta 2.ª

Fica em todo o cimo do sítio do Outeiro do Ouro, a uns 3 km e ao sul de Grândola, sobranceira à estrada de macadame que vai d'aquela vila a S. Tiago do Cacém. Do local goza-se dilatado horizonte, pois o Outeiro do Ouro é um dos locais mais altos d'ali.

Diz o povo que nesse outeiro está enterrado um tacho cheio de ouro, com as asas de fóra, e que, quanto mais se cava para o procurar, mais ele se enterra. Não entendo como é que, estando o tacho com as assas de fóra, se enterra cada vez mais, a não ser que elas sejam muitas compridas: todavia nem sempre devemos esperar que haja lógica nas lendas populares, ou só devemos esperar que haja uma lógica especial. Sem dúvida o nome do outeiro relaciona-se com a lenda, ou esta lhe dêsse origem, ou vice-versa.

(...)

esteios que formavam a câmara. Faltam outros, bem como a tampa e o corredor. Vid. a planta na fig. 19.

A... 1^m,74 de largura; 1^m,81 de altura até o fundo da pedra: 0,27 plus minus de espessura.

B... 0^m,64 de largura.

Os esteios são sem aparelho e estavam acunhados; a, b e c representam os alicerces ou cunhas dos esteios que faltam.

Cavei até encontrar o chão natural: num sitio encontrei-o a profundidade de 0^m,60; noutro encontrei-o a profundidade menor. A linha a d representa um dos diâmetros da câmara.

A exploração rendeu pouco, pois não appareceu mais que um machado de pedra muito delido (fig. 20) e umas esquelotas osseas: tudo isto a meia altura da câmara.

Na occasião em que fiz a escavação, o interior da anta servia de horta: havia lá alhos, espinafres e coentros.

Anta 2.^a

Fica em todo o cimo do sitio do *Outeiro do Ouro*, a uns 3 quilómetros e ao sul de Grândola, sobranceira à estrada do macadame que vái d'aquella vila a S. Tiago de Cacem. Do local goza-se dilatado horizonte, pois o *Outeiro do Ouro* é um dos mais altos d'ali.

Diz o povo que nesse outeiro está enterrado um tacho cheio de ouro, com as asas de fóra, e que, quanto mais se cava para o procurar, mais elle se enterra. Não entende como é que, estando o tacho com as asas de fóra, se enterra cada vez mais, a não ser que ellas sejam muito compridas: todavia nem sempre devemos esperar que haja lógica nas lendas populares, ou só devemos esperar que haja uma lógica especial. Sem dúvida o nome do outeiro relaciona-se com a lenda, ou esta lhe desse origem, ou vice-versa.

No momento da minha visita restava da anta parte da mamôa, oito esteios da câmara, e a tampa, esta porção caída dentro; dos esteios, um estava caído para fóra, outros no seu lugar, ainda acunhados. Não há muito que a tampa estava também ainda no seu lugar; pessoas com quem falei se lembram da a ter visto ali. Foram os sonhadores do tesouro que a derrubaram, uma noite, porque a noite é sempre propícia a feitos d'estes, ou pelo mistério d'ela, ou porque com a sombra protege os ladrões. Consta que os tais sonhadores encontraram uns cacos. Eu por mim encontrei na terra por elles removida, e amontoadá fóra, quatro machados polidos e duas metades de outros (figs. 21 a 23).

A anta é pequena e pouco alta. Cavei até o chão natural, que

O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

receu logo a 0^m,2 de profundidade da actual superficie. Nada receu senão um seixo roldado.

Vid. a planta na fig. 27.

Esteio B (caldo)... 1^m,48 (altura) × 0^m,72 (maximum) × 0^m,38.

Esteio D... 1^m,10 (altura) × 0^m,81 (maximum) × 0^m,21.

Tampa... 2^m,21 × 1^m,17 (plus minus) × 0^m,47 (plus minus).

A exploração tornou-se difficil por causa do obstáculo que a ella unha a tampa, caída no chão, a qual foi preciso remover. O mato e creosca em volta opôs tambem outro obstáculo.

c) «CASTELO» E «CASTELINHO» DE GRÂNDOLA:

Contiguo à vila há dois campos largos e planos, cortados por uma estrada que fica sobranceira à foz do rio Davino, chamados, da esquerda, para quem sai da vila, *Castelo*, e o da direita, *Castelinho*. O primeiro é, além disso, cortado por outra estrada.

Nestes dois campos, que occupam grande extensão, apparecem numerosos túmullos, constituídos por cacos, e tambem alguns restos de paredes e lanços de formigão (*opus Signinum*). Entre os cacos recoheci restos de vasilhas grossas, como de *dolia*, outros de vasilhas finas e de telhões; o Dr. Manuel Mateus tinha já reconhecido pedaços de *tegulae* e de asas grossas, e collido no Castelinho um *pondus* de barro, que me ofereceu e está no Museu Etnológico (fig. 28).

Nos mesmos campos appareceram várias moedas de bronze, algumas das quaes vieram para o Museu: de Augusto, de Alexandre Severo (séc. III), de Constantino (séc. IV) e uma de Emerita; e consta que appareceu uma de ouro, igualmente da época romana. De inscrições lapidares é que não tive noticia.

Estes campos, apesar do nome que o povo lhes deu, não podem considerar-se castros; são porém assento de uma antiga Grândola.

d) MINA DE COBRE DA SERRA DA CÂVEIRA:

Ergue-se a Serra da Cávêira a seis quilómetros de distancia, no rumo do sudeste, da vila de Grândola. Há ali importantes jazigos de cobre, começados a explorar em 1855, e a respeito dos quaes se lê o seguinte no *Catálogo da secção de minas*, da Exposição Nacional de 1888, por Severiano Monteiro & J. A. Barata, Lisboa 1889, pp. 105-106.

Os Romanos não deixaram intactos estes jazigos, e que é por uma quantidade innumeravel de poços e por imensos esgalvados em 300.000 toneladas. Na mina da Cávêira, além desses poços, descobriam-se três galerias de esgoto do

Fig. 21 a 26 – Espólio encontrado na anta:

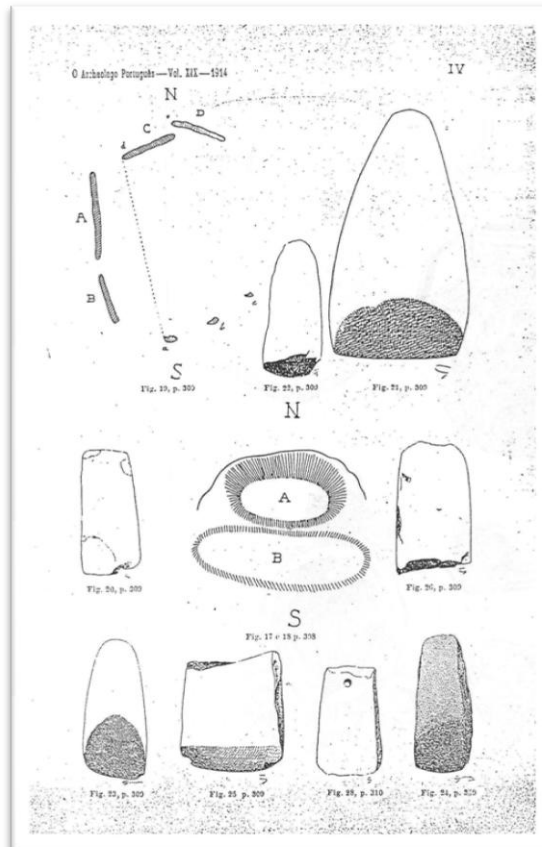


Fig. 27 – Planta da anta do Outeiro do Ouro:

